

ANEXO 3

Resultados das acções de prospecção arqueológica sobre os traçados do ramal de ligação à rede eléctrica nacional propostos em fases anteriores ao actual projecto do AHE de Algosó-Senhora da Ascensão

Para efeitos de inventariação do Património Arqueológico nacional, fazemos constar neste anexo a descrição dos trabalhos de prospecção realizados em 2006 e 2014 sobre os diversos traçados provisórios que foram sendo projectados para a ligação à rede eléctrica nacional no âmbito do projecto em epígrafe.

Realizou-se uma prospecção selectiva da área a afectar que visou essencialmente os corredores de terreno para onde previsivelmente se projectariam os apoios – pontos elevados na paisagem, pontos de inflexão da linha – sendo dada especial atenção às áreas de maior concentração de sítios arqueológicos inventariados e a locais cuja fisionomia e implantação espacial poderia indiciar a ocorrência de vestígios de interesse patrimonial.

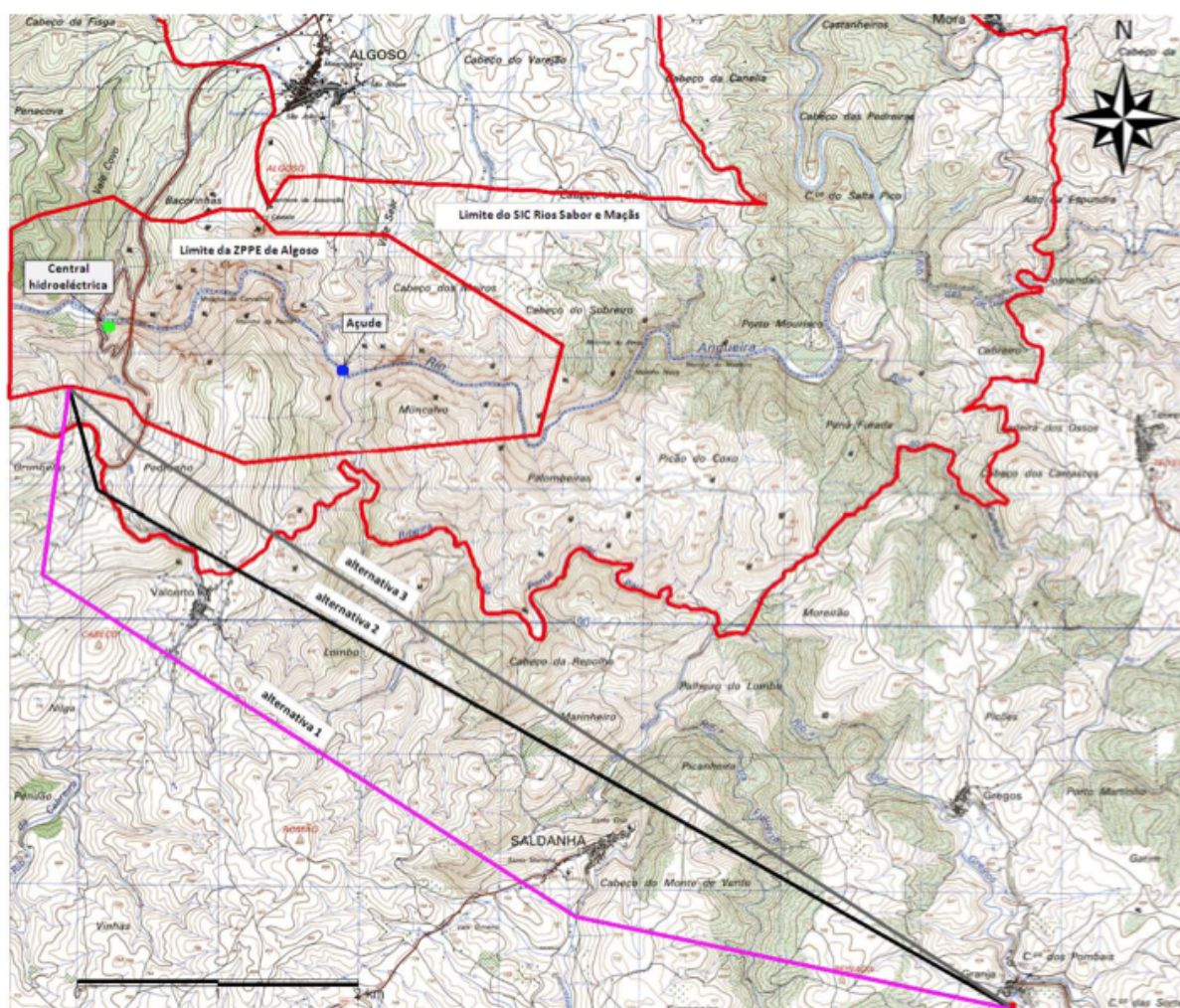


Fig. 1 - Representação esquemática dos traçados do ramal de ligação à rede eléctrica nacional propostos com anterioridade ao actual EVTE do AHE de Algosó - Senhora da Assunção prospectados em 2006 e 2014. Implantação cartográfica na CMP - Escala 1/25 000 (folhas n.º 80 e 94)

Alternativa 1

O traçado da alternativa 1 é o mais longo, com cerca de 9.09 km de extensão. Segue desde a subestação do aproveitamento, na direcção N-S, inflecte primeiro para SE no vértice geodésico do Cabeço, e finalmente para ESE até ao ponto de interligação no PT da Granja. Trata-se de um ramal em linha simples que confinará com a linha Mogadouro/Sendim.



Fig. 2– Perspectiva sobre a área para onde está projectado o troço enterrado do ramal de ligação à rede eléctrica nacional e da zona de implantação do primeiro apoio à superfície, em primeiro plano.

Administrativamente abrange as freguesias de São Martinho do Peso e Saldanha do concelho de Mogadouro. Segue, na secção inicial, desde a central hidroeléctrica, uma orientação sensivelmente Norte-Sul, inflectindo no alto do Cabeço (ocorrência 06) para sudeste e, novamente, para ESE, a sul de Saldanha, e termina numa elevação imediatamente a sul da aldeia da Granja. O trajecto segue ao longo das principais cumeadas, sobre os pontos mais altos ocupados pelos vértices geodésicos do Cabeço, Romão e Peinada e atravessa, respectivamente, os vales da Ribeira das Lagas, Ribeira dos Repasquinho e Ribeira da Figueira/Andorinhas. Praticamente toda a área correspondente aos topos e plataformas das encostas destas elevações, sobranceiras aos principais aglomerados populacionais, é ocupada por extensos campos agrícolas, cultivados ou em pousio. Entre Saldanha e a Granja, o traçado atravessa o vale da Ribeira da Figueira que

acomoda uma cerrada galeria ripícola que prima pela diversidade das espécies que ali florescem.

As condições facultadas pelo actual uso do solo na quase totalidade da área em apreço, nomeadamente a grande extensão de campos lavrados ou com searas recentemente cortadas, proporcionou, de um modo geral, boas condições de visibilidade no terreno. A par das margens da Ribeira da Figueira, cobertas por denso matagal, foi caso excepcional também o primeiro sector prospectado sobre a íngreme encosta imediatamente a sul da Central hidroeléctrica. Contudo, foram visualizados os patamares superiores a nordeste e nascente do Grunheiro. Não se assinalou qualquer ocorrência, apenas alguns fragmentos de materiais de construção modernos (telhas). Avançámos para uma zona que se nos afigurou de maior interesse, quer pela morfologia e sua implantação topográfica, quer pelo facto de aí se estabelecer uma das inflexões da linha previstas no traçado: a elevação encimada pelo vértice geodésico com o topónimo Cabeço.

A partir de Sul e nascente, o Cabeço, delimitado a nascente pelo curso médio da Ribeira das Lagas, surge como uma elevação de encostas suaves que se alonga no sentido nordeste-sudeste e prolonga para sudoeste unindo-se por um estreito colo a uma pequena elevação de contorno sub-circular. Pela vertente norte do Cabeço, a mais declivosa, disseminam-se fragas de quartzito aflorante, com uma cor esbranquiçada conferida pela abundância de quartzo, e que formam pequenos abrigos ou nichos no seu interior. O coberto vegetal impediu aqui uma boa visualização do solo, mas trata-se da única encosta que não é ocupada por campos agrícolas, que é o caso dos quadrantes nascente, sul e poente do morro. Aqui as plataformas superiores, alargadas e de relevo suave, foram atentamente prospectadas, o que permitiu observar alterações topográficas de eventual origem antrópica. Dos solos xistosos, foram exumados diversos artefactos que parecem indiciar a presença de um povoado pré-histórico, que se articula com vestígios de ocupação de períodos posteriores. No intuito de tornar mais perceptível a análise da distribuição dos achados no amplo espaço do Cabeço, procedemos à geo-referenciação do espólio recolhido, correspondendo os locais de recolha ao que designamos por núcleos 1 a 6 e assinaladas com círculos a vermelho na carta das áreas prospectadas.

Nas plataformas abaixo dos 700m, situadas no quadrante nascente do Cabeço, detectámos a presença de escória de ferro associada a uma dispersão de cerâmica produzida a torno e material de construção (telha) nos núcleos 1 (M=128,97 P=197,27 H= 680) e 6 (M=129,02 P=197,17 H= 670). A uma cota superior identificámos dois taludes concêntricos em relação à posição do vértice geodésico, sobre as curvas de nível dos 730 e 740m. Pontualmente, detectaram-se troços das estruturas pétreas de sustentação (possível muralha?) a eles associados que conservam uma altura entre 1,5 e 2,5m. Contudo, não se assinalam grandes concentrações de pedra solta (resultante do desmembramento de

eventuais estruturas) à superfície do solo, salvo nalguns moroiços. De qualquer forma, parece-nos que o solo oferece ainda uma espessura considerável nos patamares altos. Foi uma zona de inclinação suave a Sul do geodésico que recolhemos, no que designámos núcleo 2 (M=128,71 P=196,89 H= 720) uma peça lítica talhada (raspadeira) e um fragmento seixo em quartzito rolado, cuja presença no topo do Cabeço pressupõe o seu transporte intencional, bem como de um fragmento granítico, material pétreo também de origem alógena, no núcleo 3, a sudeste (M=128,58 P=196,98 H= 730). Mais contundente, foi o achado de um fragmento de dormite de mó de vai-e-vem, em grauvaque, detectado num moroiço (Núcleo 4 - M=128,60 P=197,07 H= 740). Pese embora a sua escassez, o espólio recolhido à superfície insere-se na tipologia de vestígios que se associam normalmente à presença de um habitat de cronologia pré-histórica, o que deverá ser confirmado ou infirmado em futuros trabalhos arqueológicos. Só uma sondagem arqueológica permitirá definir com maior acuidade a natureza do sítio. É importante ressaltar que se tratará de um sítio relevante e sensível sob o ponto de vista patrimonial, pelo que se deverão preconizar rigorosas medidas de minimização para qualquer tipo de intervenção que seja prevista para o local.

A prospecção estendeu-se posteriormente para os terrenos da extensa ladeira noroeste do Romão ocupada por campos agrícolas. Os suaves escalonamentos são sulcados por numerosas linhas de água tributárias da Ribeira das Lagas. Foi precisamente num esporão baixo ladeado por duas ribeiras que se recolheu, à superfície e nas proximidades do caminho rural, uma peça lítica talhada com retoque lateral – **ocorrência 07**. Trata-se de um achado isolado, à semelhança da **ocorrência 09**, uma outra peça lítica que ostenta grande desgaste. Foi recolhida num pequeno outeiro sobranceiro à fonte, situado do lado nascente do caminho rural. Sobre o traçado da linha eléctrica, precisamente na intersecção de um afluente com a Ribeira das Lagas, existe uma fonte entre afloramentos rochosos associada a uma estrutura rectangular de contenção de água (**ocorrência 08**). Já no topo da elevação, a prospecção de um campo lavrado, revelou escassa cerâmica e um fragmento de granito, material claramente alógeno, que poderá evidenciar a presença de ocupação humana de época indeterminada ca. de 70m para W do vértice geodésico do Romão (**ocorrência 10**).

Transposto o cume, progrediu-se, para sudeste, pelos patamares da encosta sobranceira a Saldanha. A prospecção visou os terrenos de cultivo de cereais, às cotas superiores da elevação, sem registos. Foi dada especial atenção à zona da inflecção da linha para ESE, nas imediações do local para onde se prevê que seja colocado um apoio. Contudo, foi num dos esporões mais baixos, já sobre Vale Cimeiro, que se detectou a ocorrência de numerosos fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície do solo arado de uma vinha (**ocorrência 11**). A dispersão de material arqueológico situa-se a NW de um casebre, ainda em uso, onde havíamos registado a inclusão, no aparelho em pedra seca, de

elementos de granito. Também do lado poente do estradão foram identificados alguns fragmentos cerâmicos, de cronologia indeterminada e material de construção moderno. A importância da ocupação romana deste território é atestada pela presença do habitat romano do Lombo do Ouro (ca de 500m a SE da ocorrência 11) bem como pelas epígrafes associadas à necrópole de Sta Marinha (**ocorrência 13**).

Seguindo a implantação esquemática do ramal da linha eléctrica, prospectámos as encostas da margem esquerda da Ribeira do Repasquinho, onde assinalámos duas áreas de dispersão de fragmentos cerâmicos preliminarmente atribuídos a época medieval/moderna (**ocorrências 14 e 16**), bem como dois pombais de época contemporânea, um dos quais não se encontra ainda cartografado na CMP 94 da década de 1940 (**ocorrências 15 e 17**). A boa visualização ao nível do solo favoreceu especialmente a prospecção no sítio 16 – um terreno recentemente lavrado. Um outro aspecto que devemos salientar é o facto do limite meridional desta elevação confinar com um caminho rural, aberto mediante a escavação de um talude com ca de 3m de altura. O corte parece guardar indícios de uma eventual ocupação humana, entre os quais se destacam os restos de um muro (o que nos parece ser a secção interna de uma estrutura cortada pelo caminho), e onde foram recolhidos um fragmento de cerâmica manual e outros, a torno, de pasta vermelha, homogénea (**ocorrência 18**).

Nas encostas setentrionais do Serro, que se eleva entre as ribeiras do Repasquinho e Andorinhas, num terreno lavrado sobre um pequeno esporão virado a norte recolhemos uma pequena lasca em sílex e uma peça lítica sobre quartzo (**ocorrência 19**). Poderão corresponder estes achados, espalhados pelo arado, à proximidade de um eventual sítio de habitat de cronologia Pré-histórica. É de salientar que não foi detectada cerâmica manual, apenas fragmentos de telha proveniente talvez de uma casa, em alvenaria de xisto, desabitada, localizada nas imediações. A poucos metros deste local, ergue-se um moroiço onde grandes lajes de xisto, algumas com talhe nas extremidades, que parecem ter sido extraídas de uma pedreira próxima.



Fig. 3 – Aspecto geral das zonas prospectadas na Peinada onde, por comparação com a prospecção de 2007, se observaram novos campos de cultivo, designadamente nas imediações do marco geodésico. Em cima, vista para NW desde o geodésico da Peinada (ocorrência 21). Em baixo, vista geral sobre a zona de dispersão de materiais arqueológicos (ocorrência 20).

A Peinada é uma espécie de monte-ilha, alongado no sentido norte-sul rodeado por linhas de água tributárias do Rio Angueira, em cujos patamares superiores se encontra uma sucessão de terrenos lavrados. Na encosta sobranceira à galeria ripícola da Ribeira das Andorinhas a que nos referimos acima, verificámos que à superfície do solo xistoso

abundavam blocos de quartzo, incluindo seixos, e que algumas peças aparentavam resultar de processos de *débitage* (produtos de talhe). Só uma busca muito sistemática nos permitiu identificar e recolher uma peça lítica retocada (raspadeira/perfurador) a par de duas de lascas, uma sobre quartzo e uma outra sobre grauvaque (**ocorrência 20**). Similares áreas de dispersão de material lítico talhado sobre quartzo foram identificadas no sector norte do topo da elevação (**ocorrência 21**) e na encosta voltada para a Granja, a ca de 150m para SE do vértice geodésico da Peinada (ocorrência 22). Já na zona mais baixa da vertente, num esporão virado a nascente, sobranceiro à aldeia da Granja, recolhemos, à superfície do terreno ocupado por um olival, uma lasca sobre quartzo, um fragmento de telha de pasta clara e heterogénea e um outro de cerâmica, muito erodido (ocorrência 23). Em toda a extensão de terreno percorrida na elevação da Peinada, beneficiámos de boas condições de visibilidade ao nível do solo.

5.3.2. Alternativas 2 e 3

Os traçados das alternativas 2 e 3 seguem *grosso modo* a direcção da primeira, seguindo para sul (alt. 2) e para SE (alt. 3) à saída do troço enterrado numa elevação sobranceira à central hidroeléctrica e, vencido o declive, inflectindo para SE e seguindo em linha recta até ao ponto de interligação num cabeço imediatamente a sul da aldeia da Granja.

Estes dois eixos, que seguem praticamente sobre o mesmo corredor, com uma curta separação entre si, distanciam-se do traçado da alternativa 1 entre ca. de 1000-1300 m. As características fisiográficas do terreno e a cariz de ocupação do solo diferem substancialmente do corredor da alternativa 1. À excepção da passagem pelas zonas periféricas das aldeias de Valcerto e Granja para onde se estende a sucessão de campos de cultivo a elas contíguos, o corredor atravessa, na sua extensão maior, áreas de relevo muito acidentado.

Desta forma, na zona que medeia entre o rebordo do planalto onde se implanta o traçado da alternativa 1 e o vale do Angueira, apenas os topos aplanados dos sucessivos esporões que avançam sobre o rio são ocupados por campos agrícolas. A topografia acidentada imposta pelos vales profundos e encostas declivosas sobre os traçados das alternativas 2 e 3 não favorecem uma ocupação intensa do terreno. Atendeu-se sobretudo à possibilidade de ocorrência de sítios de ocupação no topo e limite norte dos esporões avançados, povoados abertos ou fortificados da pré- e proto-história ou medievais.

Na realidade, a identificação de vestígios arqueológicos ao longo da extensão dos corredores das alternativas 2 e 3 foi fortemente condicionado pela presença de manchas de vegetação contínua que impediam uma boa visualização da superfície do solo. Por este

motivo, a prospecção selectiva visou preferencialmente as áreas topograficamente mais favoráveis à ocupação humana ao longo do topo dos esporões e chãs ou plataformas mais largas a meia encosta que coincidem precisamente com a localização de campos lavrados que permitem uma melhor inspecção do solo.

Foi assim percorrida a encosta que sobe desde a EN 219 até ao topo do esporão ocupado pela aldeia de Valcerto (Fig. 4). Neste primeiro troço registou-se apenas a presença de um pombal com planta em forma de ferradura, situado numa propriedade privada (ocorrência 27).



Fig. 4 – Aspecto geral da encosta sobranceira ao vale do Angueira e que conduz ao limite norte da aldeia de Valcerto (vistas para noroeste).

No vale da ribeira que contorna Valcerto por nascente e na subida para o esporão seguinte, foram observados afloramentos rochosos que se destacam na paisagem envolvente e cuja morfologia indiciava a possibilidade de conterem, no interior de pequenos nichos ou abrigos sob rocha, vestígios de pinturas rupestres (Fig. 5). Não se assinalou qualquer ocorrência desta natureza.



Fig. 5 – Aspecto de um dos afloramentos rochosos que formam nichos passíveis de conter pinturas rupestres observados no primeiro terço do corredor das alternativas 2 e 3.

A ocorrência 28 foi identificada na zona com o topónimo Lombo correspondente a uma suave elevação a Leste da aldeia de Valcerto que se alonga em arco de SW para norte. A elevação é delimitada a nascente e poente por duas linhas de água tributárias da Ribeira da Ponte do Pau, sendo a primeira – a Ribeirinha – a que cava um vale mais profundo de encostas declivosas. Num dos campos lavrados do lado norte do caminho que segue pelo topo do esporão que foi detectado, à superfície do solo, um nódulo de barro compacto que poderá tratar-se de ‘barro de cabana’ e um diminuto fragmento de bordo de um recipiente cerâmico de pasta laranja claro com abundantes inclusões de quartzo. Estes vestígios, embora incipientes, poderão indiciar a presença de uma ocupação eventualmente de cronologia pré-histórica ao longo do esporão.

No interior da aldeia de Saldanha, no percurso que se tomou para alcançar o corredor das alternativas 2 e 3 que lhe passam a norte, procedeu-se ao registo fotográfico da Igreja paroquial (ocorrência 26) e da área de implantação dos sítios com os topónimos Castelo e Torre de Saldanha (ocorrências 24 e 25). Nessa ocasião, observou-se que, do lado norte do largo da Igreja de Saldanha, num pequeno recanto ajardinado, um monumental monólito afeiçoado serve de banco para repouso. De imediato se reconheceu que se trata efectivamente de uma peça escultórica pré-histórica que se pode classificar como menir ou menir-estela, reaproveitada para fim.

A peça mede 3,50 m de comprimento, ca. de 0,80 m de largura, 0,70 m de espessura na zonal distal; 0,60 m na zona mesial e 0,25 m na zona proximal. As informações orais obtidas na altura da sua identificação não permitiram esclarecer o local da aldeia onde se encontrava, pelo que foi dito, ‘há muito tempo’, antes de ter sido colocada neste local nem tampouco a sua proveniência original. Trata-se de uma peça talhada em grauvaque local,

com um grau de erosão superficial apreciável. Apresenta secção sub-ovalada na base (que aparenta encontrar-se truncada) e subrectangular no topo, o que justifica a classificação tipológica. Pese embora sob condições de luminosidade pouco favoráveis, foi possível observar a presença de diversas ‘cavinhas’ gravadas na sua face superior e visível, elementos gráficos que ocorrem frequentemente neste tipo de monumentos da Pré-história recente associados ao megalitismo. A superfície da peça carece de visualização mais atenta com o objectivo de definir com maior acuidade a sua componente decorativa (Fig. 6).



Fig. 6 – Aspecto do menir-estela decorado com *fossetes* que serve de banco no largo da Igreja paroquial de Saldanha.

No restante percurso sobre o traçado dos corredores correspondentes às alternativas 2 e 3 foram prospectados terrenos agrícolas na zona da Peinada, a norte dos sítios arqueológicos identificados ao longo do traçado da alternativa 1, sem registos.

Na zona mais próxima da Granja, foram ainda visualizadas as superfícies de afloramentos rochosos passíveis de conterem vestígios de gravuras rupestres, numa elevação sobranceira à aldeia (Fig. 7).



Fig. 7 – Aspecto do conjunto de afloramentos rochosos numa encosta a NW da aldeia da Granja.